

A GORJETA

Rui Zink, adaptado para o teatro por Inês C. Santos

Cena 1: Dois homens de negócios e uma empregada de mesa.

Homem A : Esta empregada é fabulosa.

Homem B : É, de facto.(Sonhador).

Acho que lhe vou deixar uma boa gorjeta.

Homem A : Não precisas. (Pensando no valor do dinheiro)

Homem B : É uma delicadeza. Hoje sinto-me mãos largas.

O “Homem A” despede-se. A empregada aproxima-se da mesa, recolhe.

Empregada: Desculpe. (Surpreendida)

Homem B : Sim? (Displícite).

Empregada: O senhor deixou ...

Homem B : Sim?

Empregada: ...dinheiro de mais.

Homem B : Não creio. (Fleumático).

Empregada: Cem euros? (Estupefacta). A despesa é quinze euros e quarenta e cinco cêntimos, senhor.

Homem B : Eu sei fazer contas. E deixei na mesa apenas o que quis deixar. (Seguro de si).

Empregada: Cem euros?. Para pagar uma despesa de quinze euros?. (Estupefacta).

Homem B : E quarenta e cinco cêntimos. Não esqueça os quarenta e cinco cêntimos. (Humorado).

Empregada: O senhor tem a certeza de que não quer o troco?.

Homem B : Não. Fica para si. Pela sua simpatia.(Benévolo e paternal).

Empregada: Mas ...

O “Homem B” vai embora. Chega uma colega intrometida.

Colega: Quanto é que ele te deixou?.

Empregada: Cem euros. Para pagar ... (Ensina a conta).

Colega: Bolas!. Que sorte!. Isso dá mais de... quinze contos de gorjeta!.
(Sem papas na língua).

Empregada: Queres que te dê metade?. (Hesitante).

Colega: Não . Ele deu-te a ti. É assim que nós fazemos aqui, é assim que se deve fazer. Trabalhei noutra casa em que dividíamos as gorjetas. Deu bronca quando descobrimos que havia um burguesso que guardava as dele só para ele. Este sistema é melhor.

Empregada: O que queres dizer? (Com receio de não estar a perceber).

Colega: Nada. A gorjeta é tua. Mereceste-a. (Teimosa).

Empregada: O que queres dizer? (Cheia de receio agora).

Colega: Nada. Não estou a querer dizer nada. Apenas que deves ter merecido a gorjeta que o homem te deixou. E deixa-me dizer-te que não era nada mal parecido.

Empregada: O que queres dizer com isso? (A perceber bem de mais).

Colega: Nada. Apenas que estás cheia de sorte.

Cena 1: Dois homens de negócios e uma empregada de mesa.

Homem A : exta ãpregada e fabuloza.

Homem B : e, d faktu.(Sonhador).

Axu q lh vo daixar uma boa gurjeta.

Homem A : Nãũ prsizax.

Homem B : e um dlicadeza. Hoj_ sîntu-m mãũx largax.

O "Homem A" despede-se. A empregada aproxima-se da mesa, recolhe.

Empregada: Dxculp_. (Surpreendida)

Homem B : Sî? (Displicente).

Empregada: U snhor daixo...

Homem B : Sî?

Empregada: ...dinhairu d maix.

Homem B : Nãũ craiu. (Fleumático).

Empregada: Sãî eurOx? (Estupefacta).

ã dxpeza e kîz_ eurOs i kuarêta i sîku sêtimux, snhor.

Homem B : Eu sai fazer kôtax. I daixai na meza apenax u k kix daixar.

(Seguro de si).

Empregada: Sãî eurOx?. Para pagar uma dxpeza d kîz eurO?.

(Estupefacta).

Homem B : i kuarêta i sîku sêtimux. Nãũ ixkesa ux kuarêta i sîku sêtimux.

(Humorado).

Empregada: U snhor tãî ã srteza d ke nãũ quer u troku?.

Homem B : Nãũ. Fica para si. Pla sua sîpatia. (Benévolo e algo paternal).

Empregada: Max ...

O “Homem B” vai embora. Chega uma colega intrometida.

Colega: Kuãtu ε k el_ t_ daixou?.

Empregada: Sã̄i eurɔx. Para pagar ... (Ensina a conta).

Colega: Bɔlax!. K sɔrt!. Issu dá maix d... kîz_ kô̄tux d gurjeta!.

(Sem papas na língua).

Empregada: Kerx k t de mtad? (Hesitante).

Colega: Nãũ̄ . El deu-t α ti. ε assî k nɔx fazemux aqui, ε assî k s dev
fazer. Trabalhai notra caza ã̄i k dividíamux ax gurjetax. Deu brōka
kuãdu dkubrimux k avia ũ̄ burguesu ke guardava ax del sɔ para el.
Ext sixtema ε mlhɔr.

Empregada: U k quereux dizer? (Com receio de não estar a perceber).

Colega: Nada. α gurjeta ε t̄ua. Mrsext-α. (Teimosa).

Empregada: U k quereux dizer? (Cheia de receio agora).

Colega: Nada. Nãũ̄ ixto α krer dizer nada, apenax k devx ter mresidu α
gurjeta k̄ u ɔmã̄i t daixou. I daix-m dizer-t k nãũ̄ era n̄ada m̄al par_sidu.

Empregada: U k quereux dizer cõ isu? (A perceber bem de mais).

Colega: Nada, apenax kextáx xaia d̄ sɔrt_.

Cena 2 : Na casa do casal da empregada.

Marido : Já cá estás?. Então, como foi o teu dia? (Entrando).

Empregada : Foi bom ...

Marido : Só bom?.

Empregada : Foi bom. Foi normal... (Não percebe onde ele quer chegar).

Marido : Não foi o que ouvi dizer.

Empregada : A quem? (Subitamente tensa).

Marido : Tens a certeza de que não houve nada de especial?. (Amedronta-a).

Empregada : Ah! Sim. Houve, tens razão. (Como se tivesse esquecido o assunto da gorjeta). Recebi uma gorjeta de oitenta e cinco euros. (Sorri timidamente e com um pouco de medo).

Marido : Ah, sim?. (Com um sorriso falso e ameaçador). Bela gorjeta. Isso mesmo é bom. Mas não percebi: *recebeste?*. E de quem, pode saber-se?. Não me vais dizer que foi do divino Espírito Santo ...

Empregada : Não, não. Foi ... de um cliente. (Não acredita no que está a acontecer).

Marido : Um cliente? (Com um sorriso desagradável). Ah, mas que bom, *querida*. (com ênfase malicioso). Um cliente. Um cliente grato, suponho.

Empregada : Não fiz nada para receber esta gorjeta. (Negando com a cabeça).

Marido : Um cliente... satisfeito. Certo?. Imagino que ele tenha ficado satisfeito... Certo? (A amedronto-a).

Empregada : Não é assim tanto dinheiro ...(Nervosa)

Marido : Dezassete contos? (Assobia de admiração) Deves ter sido mesmo muito competente a fazer-lhe o servicinho.

Empregada : Não fales assim. Eu não fiz nada, limitei-me a ...

Marido : O que fizeste tu para satisfazer este famoso cliente? Hem? (A perder a paciência).

Empregada : Não fales assim. Por favor ...

Marido : DIZ-ME, MINHA CABRA! O QUE FIZESTE TU PARA ESTE CLIENTE FICAR TÃO SATISFEITO CONTIGO?

Empregada : Pára, por favor. Olha os vizinhos. Já sabes que se ouve tudo. (Atemorizada).

Marido : DIZ-LÁ! O QUE FIZESTE TU PARA ELE DAR O DINHEIRO? FOSTE PARA CASA DE BAHÓ COM ELE, FOI? PUSESTE-TE DE JOELHOS, FOI? (Fora de si).

Empregada : Não fales assim. (Sem saber para onde se virar).Não tens o direito de... Aah!

Cena 3: Sala do julgamento.

Advogado : Senhor doutor juiz, o meu cliente não nega os trágicos acontecimentos.

Juiz : O crime que ele cometeu. (Corrige).

Advogado : Os trágicos acontecimentos em que ele teve uma parte activa, senhor doutor juiz. (Sorri malévolamente). O meu cliente está perfeitamente ciente de isso.

Lembro apenas que há circunstâncias atenuantes ...

Juiz : Circunstâncias atenuantes, diz você? (Molesto olha para o advogado por cima dos óculos).

Advogado : Com a sua autorização, chamo a primeira testemunha.

(Agora grato).

Sai a testemunha: a colega da empregada. O advogado interroga-a.

Advogado : Não é verdade que viu a vítima receber uma gorjeta particularmente generosa nesse dia?.

Testemunha : Sim ... Mas ela não teve culpa. (Está como peixe fora de água).

Advogado : É habitual receberem gorjetas de oitenta euros?. (Curioso).

Testemunha : Bem ... (Hesitante).

Advogado : Já alguma vez recebeu uma gorjeta dessas?.

Testemunha : Eu?. Deus me livre! (Ofendida na honra).

Advogado : Sim? (Feliz).

Testemunha : Quero dizer, nunca tive essa sorte.

Advogado : Não tenho mais perguntas. (Satisfeito). Obrigado. (À testemunha).

Acho que todos percebemos. A senhora foi de uma clareza luminosa.

Juiz : Que entre a testemunha da defesa!

Entra uma mulher, vizinha do casal.

Juiz : Diga. (Convidando-a para falar).

Vizinha : Bem, nós não somos de nos pôr a escutar às paredes. Mas, sabe como é, prédios antigos ...

Juiz : Diga só o que ouviu nessa noite. (Compreensivo).

Vizinha : Bem...Eles começaram aos gritos... (Hesitante).

Juiz : Os dois? (Circunspeto).

Vizinha : Penso que sim, não sei. (Hesitante).

Juiz : E o que ouviu?. (Apurando factos).

Vizinha : "Diz-me, o que fizeste para o cliente ficar a gostar assim tanto de ti" ...

(Muda a voz).

Juiz : Palavras textuais?.

Vizinha : Perdão?.

Juiz : Foi isso o que ouviu? Tem a certeza de que foi isso o que ouviu?.

Vizinha : Sim, mais ou menos. Via-se que o marido ...

Advogado : Aquele senhor, no banco dos réus?. (A intervir oportunamente).

Vizinha : Sim ... Via-se que o marido tinha razões para estar chateado com ela. Afinal, aquele dinheiro todo ...

Juiz : Setenta euros também não é nenhuma fortuna, pois não?. (Corrigindo o ênfase da mulher).

Vizinha : Eu sei, senhor juiz, mas é uma ... (Cândida).

Juiz : É o quê?.

Vizinha : O senhor doutor juiz há-de convir que é uma grande gorjeta. Qualquer um no lugar dele ...

Juiz : Cometeria assassínio?. É isso que quer dizer?. (Arqueando as sobrancelhas).

Vizinha : Não, não é isso que quero dizer. Mas ... Uma pessoa pode ser levada a perder a cabeça ... A desconfiar ... (Debatendo-se).

Juiz : Isso é tudo. Obrigado.

O juiz sai da sala. Após um bocado regressa com um papel. Todos em pé a escutar a sentença.

Juiz : Condenamos o réu a três anos de prisão por homicídio involuntário: dois de pena suspensa e dez meses de prisão efectiva por não ter antecedentes penais e concorrer atenuantes, pois foi provado que as sete marteladas na cabeça foram feitas sob o impulso de paixão e ciúme.